

INDÚSTRIA DE MATERIAL BÉLICO DO BRASIL

INDÚSTRIA DE MATERIAL BÉLICO DE BRASIL

Como tudo começou

Cómo empezó todo

O legado deixado pela Real Fábrica de Pólvora do Rio de Janeiro, primeira unidade fabril estratégica do Brasil criada em 1808, e pelas fábricas de armamentos, explosivos e munições outrora pertencentes ao Exército Brasileiro, compõe a herança histórica mais conhecida da empresa. Muitas já estão extintas, e outras, hoje, integram o patrimônio da IMBEL.



Real Fábrica de pólvora em aquarela de Thomas Ender

El legado dejado por la Real Fábrica de Pólvora de Río de Janeiro, primera unidad fabril estratégica de Brasil, creada en 1808, y por las fábricas de armamento, explosivos y municiones que en su día pertenecieron al Ejército brasileño, conforman el patrimonio histórico más conocido de la empresa. Muchas ya se han extinguido y otras, hoy, forman parte del patrimonio de IMBEL.



A “primeira empresa de Defesa do Brasil”

La “primera empresa de defensa de Brasil”

Em decorrência da transferência da Corte Portuguesa para o Brasil e da necessidade de defender a colônia da cobiça estrangeira, foi criada, por decreto do Príncipe Regente Dom João VI, em 13 de maio de 1808, a Real Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro (RJ). Ela ocupava parte da área que hoje integra o Jardim Botânico.

O crescimento da cidade em direção a Botafogo, e a abertura do Jardim Botânico à visitação pública deram início à integração dessa região com a malha urbana da capital do Império, o que representava um risco à segurança das comunidades adjacentes à unidade fabril militar. Ao mesmo tempo, a diminuição gradativa de água nos rios que moviam as máquinas na fábrica chegou a provocar, em épocas de estiagem, a interrupção de seu funcionamento.

Sítio arqueológico da Casa dos Pilões, local onde se processava uma das etapas mais perigosas da fabricação da pólvora



Como resultado de la transferencia de la Corte portuguesa a Brasil y de la necesidad de defender la colonia de la codicia extranjera, la Real Fábrica de Pólvora de la Laguna Rodrigo de Freitas, en Río de Janeiro (RJ), fue creada por decreto del Príncipe Regente Dom João VI, el 13 de mayo de 1808. Ocupaba parte de la zona que hoy forma parte del Jardín Botánico.

El crecimiento de la ciudad hacia Botafogo y la apertura del Jardín Botánico a la visita pública iniciaron la integración de esta región a la red urbana de la capital del Imperio, lo que representó un riesgo para la seguridad de las comunidades adyacentes a la unidad fabril militar. Al mismo tiempo, la disminución paulatina del agua de los ríos que movían las máquinas de la fábrica llegó a provocar, en épocas de sequía, la interrupción de su funcionamiento.

Em 1825, o Imperador D. Pedro I autorizou a construção de uma nova fábrica de pólvora na região da Serra da Estrela, no atual município de Magé (RJ). Em 1831, a Real Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas foi desativada, e seus escravos, trabalhadores livres e militares foram transferidos de modo definitivo para a nova unidade fabril.



Porto Estrela, Rio de Janeiro, década de 1820, hoje município de Duque de Caxias.

En 1825, el emperador Pedro I autorizó la construcción de una nueva fábrica de pólvora en la región de Serra da Estrela, en el actual municipio de Magé (RJ). En 1831, la Real Fábrica de Pólvora de la laguna Rodrigo de Freitas fue desactivada y sus esclavos, trabajadores libres y militares fueron trasladados definitivamente a la nueva fábrica.



Real Fábrica de Pólvora, da Coroa Portuguesa à República

Fábrica da Estrela, de la Corona portuguesa a la República

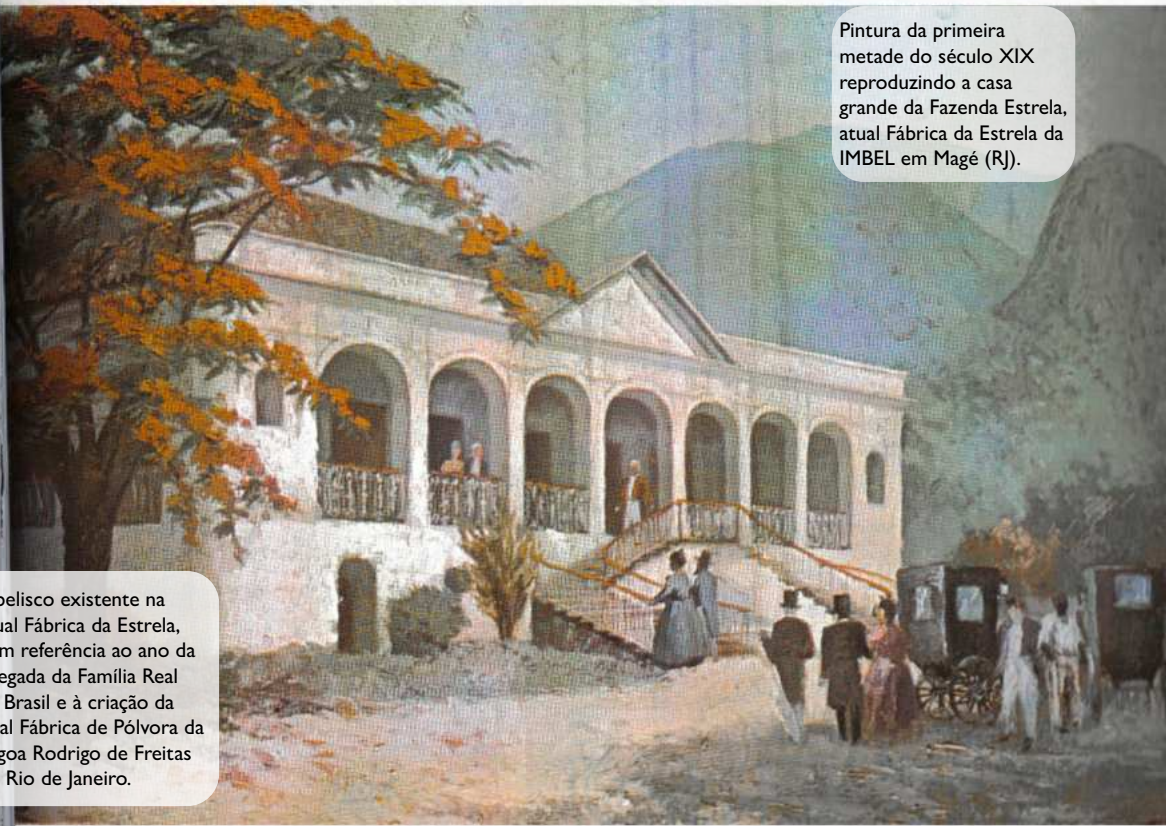
Denominada originalmente “Real Fábrica de Pólvora da Estrela”, foi transferida para o sítio próximo ao Porto da Estrela, na Vila Inhomirim, no sopé da Serra do Mar, em Magé (RJ), o qual era rico em água e madeira das matas adjacentes. Para instalá-la, foram adquiridas as fazendas da Cordoaria, da Mandioca e do Velasco.

Já com a denominação “Fábrica de Pólvoras da Estrela”, a unidade fabril abasteceu o Exército Imperial e os aliados durante a Guerra da Tríplice Aliança, escoando sua produção pelo Porto da Estrela.

A partir de 1939, em decorrência da reestruturação a qual foi submetida, passou a ser denominada Fábrica da Estrela (FE), funcionando como uma organização militar do então Ministério do Exército até 1975, quando passou a integrar a recém-criada Indústria de Material Bélico do Brasil-IMBEL.

Pintura da primeira metade do século XIX reproduzindo a casa grande da Fazenda Estrela, atual Fábrica da Estrela da IMBEL em Magé (RJ).

Obelisco existente na atual Fábrica da Estrela, com referência ao ano da chegada da Família Real ao Brasil e à criação da Real Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro.



Originalmente llamada “Real Fábrica de Pólvora da Estrela”, fue trasladada, por iniciativa de Dom Pedro I, de Río de Janeiro al lugar próximo al Puerto de Estrela, en la Aldea de Inhomirim, al pie de la Sierra del Mar, en Magé (RJ), que era rico en agua y madera de los bosques adyacentes. Para ponerla en marcha, se adquirieron las fincas Cordoaria, Mandioca y Velasco.

Ya con el nombre de “Fábrica de Pólvoras da Estrela”, la unidad fabril abasteció al Ejército Imperial y a los aliados durante la Guerra de la Triple Alianza, disponiendo de su producción a través del Puerto de Estrela.

A partir de 1939, debido a la reestructuración a la que fue sometida, pasó a denominarse Fábrica da Estrela (FE), funcionando como organismo militar del entonces Ministerio del Ejército hasta 1975, cuando pasó a formar parte de la recién creada Industria de Material Bélico del Brasil- IMBEL.

A independência nacional no provimento do Exército com pólvora sem fumaça

Fábrica Presidente Vargas y la independencia nacional en el suministro de pólvora sin humo al Ejército

Após minuciosos estudos iniciados em 1902, foram adquiridas na então “Vila Vieira do Piquete”, atual município de Piquete (SP), três fazendas destinadas à construção de uma fábrica de pólvora: a Sertão, a Estrela do Norte e a Limeira. O sítio prestava-se ao objetivo desejado, não somente por atender à fácil obtenção de água e lenha, indispensáveis aos processos de fabricação e à geração de energia para a fábrica, mas também por sua localização a meio caminho das grandes metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além disso, evidenciavam-se as condições fisiográficas do local, encravado entre montanhas e matas densas, garantindo a segurança das instalações e da população do entorno.

Presidente Getúlio Vargas em sua segunda visita à Fábrica de Pólvora sem Fumaça (década de 1940).

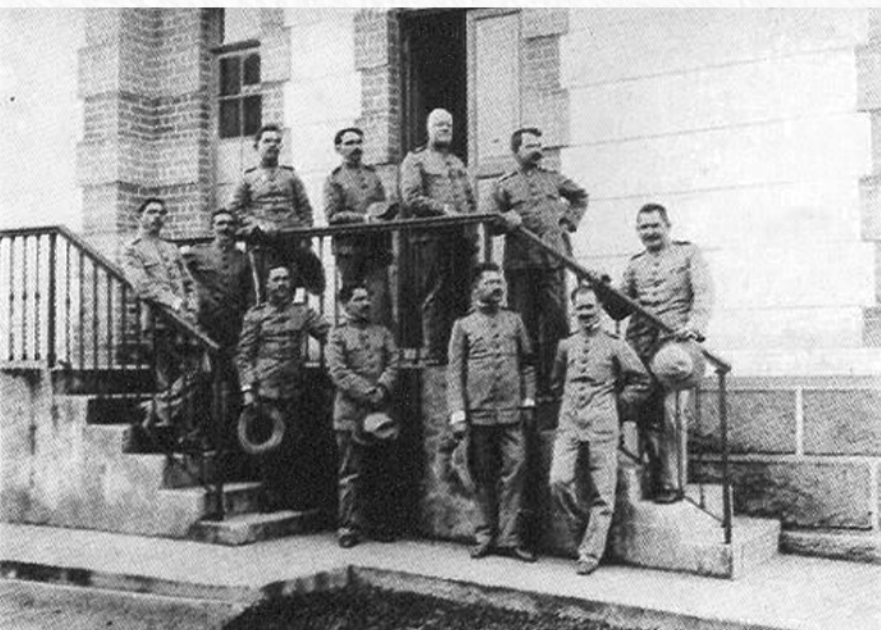


Tras minuciosos estudios iniciados en 1902, se adquirieron tres fincas en la entonces “Vila Vieira do Piquete”, actual municipio de Piquete (SP), para la construcción de una fábrica de pólvora: Sertão, Estrela do Norte y Limeira. El emplazamiento se prestaba al objetivo perseguido, no sólo por la facilidad de obtención de agua y leña, indispensables para los procesos de fabricación y la generación de energía para la fábrica, sino también por su ubicación a medio camino de las grandes ciudades de Río de Janeiro y São Paulo. Además, las condiciones geográficas del emplazamiento, enclavado entre montañas y densos bosques, garantizaban la seguridad de las instalaciones y de la población circundante.

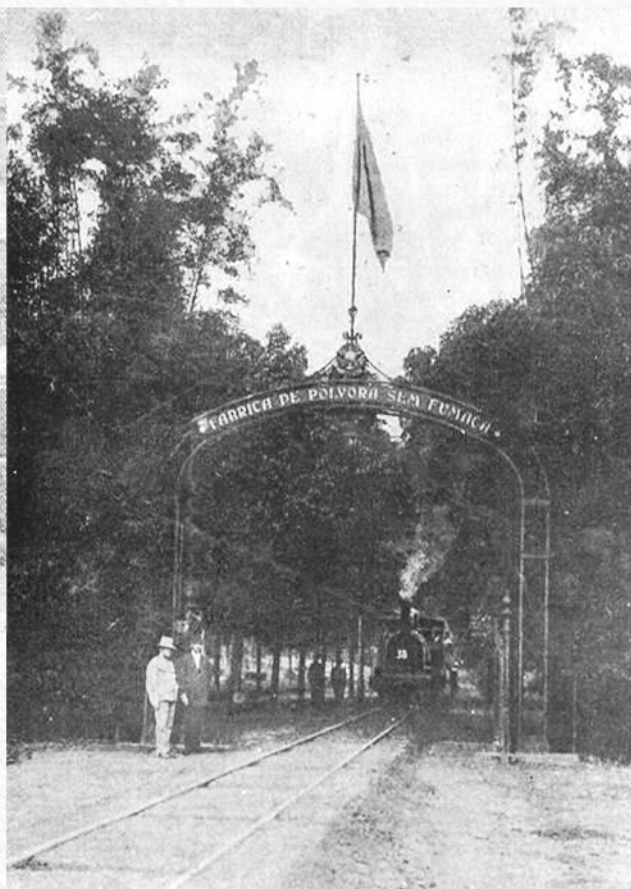


Em 15 de março de 1909, com a presença do Presidente da República, Dr. Affonso Pena, foi inaugurada oficialmente a então “Fábrica de Pólvoras sem Fumaça”. Sua construção permitiu que o Exército, a partir de então, fosse suprido pelo mercado nacional de pólvora sem fumaça (que diferentemente da pólvora negra, quase não produz fumaça), acabando com a dependência exclusiva da sua aquisição no exterior.

Com o início, em 1936, da fabricação em escala de um explosivo de ruptura, o trotil, a fábrica passou a denominar-se “Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete”, logo alterada, em 1939, para “Fábrica de Piquete”. Em 1941, a fábrica recebeu a visita do então Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, cujo apoio e incentivo prestados ao fortalecimento da fábrica redundaram na mudança da denominação da unidade para Fábrica Presidente Vargas (FPV) mantida até os dias de hoje.



Militares da Fábrica de Pólvora sem Fumaça (primeiro quartil do século XX).



Chegada do trem que, diariamente, conduzia os operários às fábricas (primeiro quartil do século XX).



El 15 de marzo de 1909, en presencia del Presidente de la República, Dr. Affonso Pena, se inauguró oficialmente la entonces “Fábrica de Pólvoras sin Humo”. Su construcción permitió al Ejército, a partir de entonces, abastecerse en el mercado nacional de pólvora sin humo (que, a diferencia de la pólvora negra, casi no produce humo), poniendo fin a la dependencia exclusiva de su adquisición en el extranjero.

Con el inicio, en 1936, de la fabricación en escala de un explosivo de ruptura, el trotil, la fábrica pasó a llamarse “Fábrica de Pólvoras y Explosivos de Piquete”, pronto cambiada, en 1939, por “Fábrica de Piquete”. En 1941, la fábrica recibió la visita del entonces Presidente de la República, Dr. Getúlio Vargas, cuyo apoyo e incentivo al fortalecimiento de la fábrica resultó en el cambio de nombre de la unidad para Fábrica Presidente Vargas (FPV), mantenido hasta hoy.

O ícone da tecnologia industrial de defesa do Brasil na 1ª metade do século XX

Fábrica de Itajubá: un ícono de la tecnología industrial de defensa de Brasil en la primera mitad del siglo XX

Criada pelo Decreto nº 23.654, de 20 de dezembro de 1933, com o início de sua construção, em 16 de julho de 1934, recebeu a denominação “Fábrica de Canos e Sabres para Armamento Portátil”. A atual Fábrica de Itajubá (FI) representou, à época, o mais ousado empreendimento da indústria militar de defesa para armamentos leves no País.

Foto Aérea Fábrica de Itajubá na década de 1940.

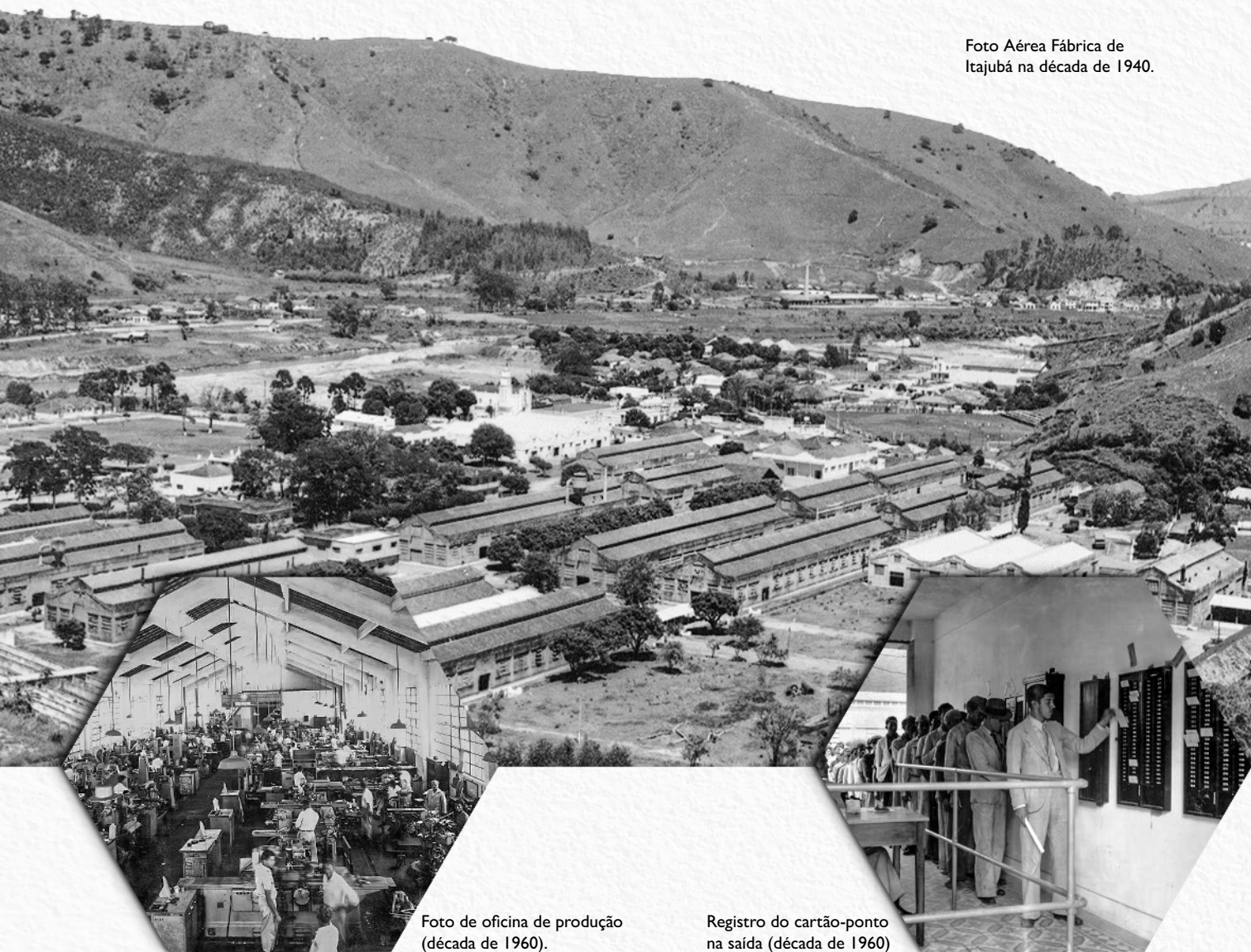


Foto de oficina de produção (década de 1960).

Registro do cartão-ponto na saída (década de 1960)

Creada por el Decreto nº 23.654 de 20 de diciembre de 1933, su construcción comenzó el 16 de julio de 1934, con el nombre de “Fábrica de Cañones y Sabres para Arma Portátil”. La actual Fábrica de Itajubá (FI) representaba, en la época, el más osado emprendimiento de la industria militar de defensa para armamentos ligeros del país.





Fuzil Mauser IMBEL
fabricado na década
de 1940.

Os três armamentos mais importantes já produzidos até aqui, representam, nas diversas épocas em que foram fabricados, o que havia de melhor em todo o mundo. Inicialmente, em 1940, o fuzil Mauser, notável projeto alemão, foi considerado o melhor fuzil de precisão até hoje fabricado. O segundo viria a ser a fabricação da pistola .45 M911 A1, derivada do projeto de maior sucesso em toda história do armamento de porte, criado pela Colt, nos Estados Unidos da América. O terceiro e maior desafio viria a acontecer em 1964, quando se decidiu produzir o FAL (Fuzil Automático Leve), calibre 7,62mm, que chegou a ser o fuzil automático de maior aceitação no mundo, adotado por cerca de 90 países. O FAL, projeto com mais de 50 anos, é ainda adotado pelo Exército Brasileiro.

Maria Fumaça
dentro da Fábrica
(década de 1950).



Sala da seção de
desenho na Fábrica
(década de 1950).



Visita do ex-presidente
Getúlio Vargas (16/07/1939)



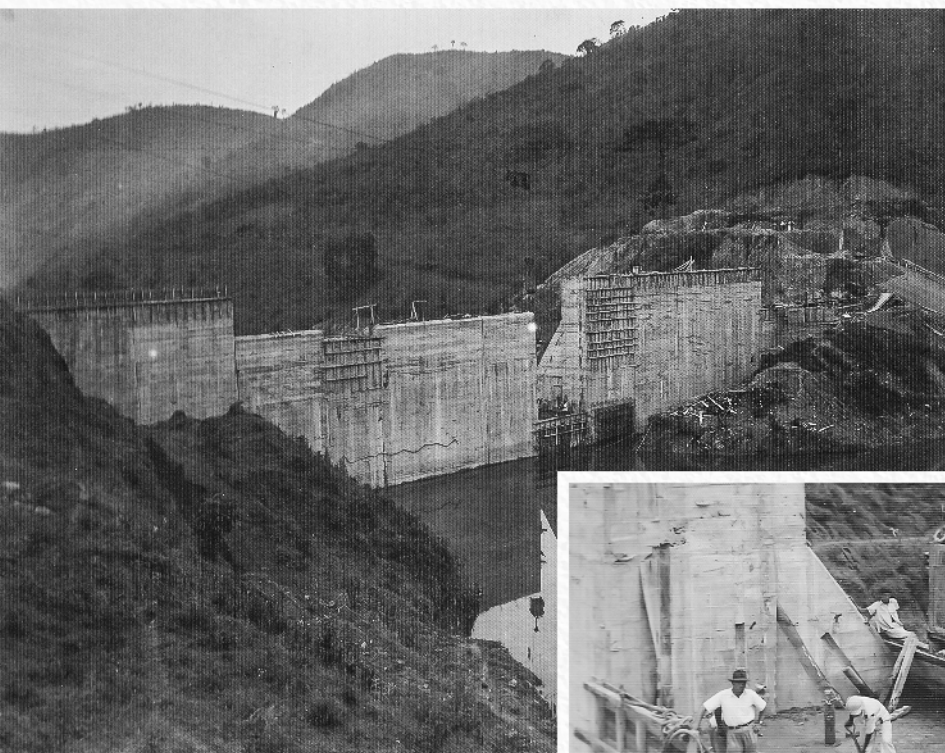
Los tres armamentos más importantes jamás producidos representan, en las diferentes épocas en que se fabricaron, lo que había de mejor en el mundo. Inicialmente, en 1940, el fusil Mauser, un notable diseño alemán, fue considerado el mejor fusil de precisión jamás fabricado. El segundo iba a ser la fabricación de la pistola .45 M911 A1, derivada del proyecto más exitoso de la historia de las armas de transporte, creado por Colt en los Estados Unidos de América. El tercer y mayor desafío llegó en 1964, cuando se decidió fabricar el FAL (Fusil Automático Ligero) en calibre 7,62 mm, que se convirtió en el fusil automático más aceptado del mundo, adoptado por unos 90 países. El FAL, un proyecto con más de 50 años de antigüedad, sigue siendo adoptado por el Ejército brasileño.

Rede Elétrica Piquete - Itajubá (REPI), exemplo de aproveitamento racional dos recursos naturais

Red Eléctrica Piquete - Itajubá (REPI), un ejemplo de uso racional de los recursos naturales

A localidade de Wenceslau Braz originou-se da pequena central hidrelétrica (PCH) concebida para atender à demanda energética das fábricas de Piquete e de Itajubá. Em setembro de 1922, chegou à região uma comissão para estudar o melhor local de quedas d'água para construí-la.

Depois de visitar vários locais, a comissão optou pela cachoeira dos Negros, pertencente em sociedade aos senhores Joaquim Francisco da Costa e Manoel Rodrigues e negros descendentes de escravos.



Fase de construção da usina



Fase de construção da usina

La ciudad de Wenceslau Braz tiene su origen en la pequeña central hidroeléctrica (PCH) diseñada para satisfacer la demanda energética de las fábricas de Piquete e Itajubá. En septiembre de 1922, una comisión llegó a la región para estudiar el mejor emplazamiento para construir la cascada.

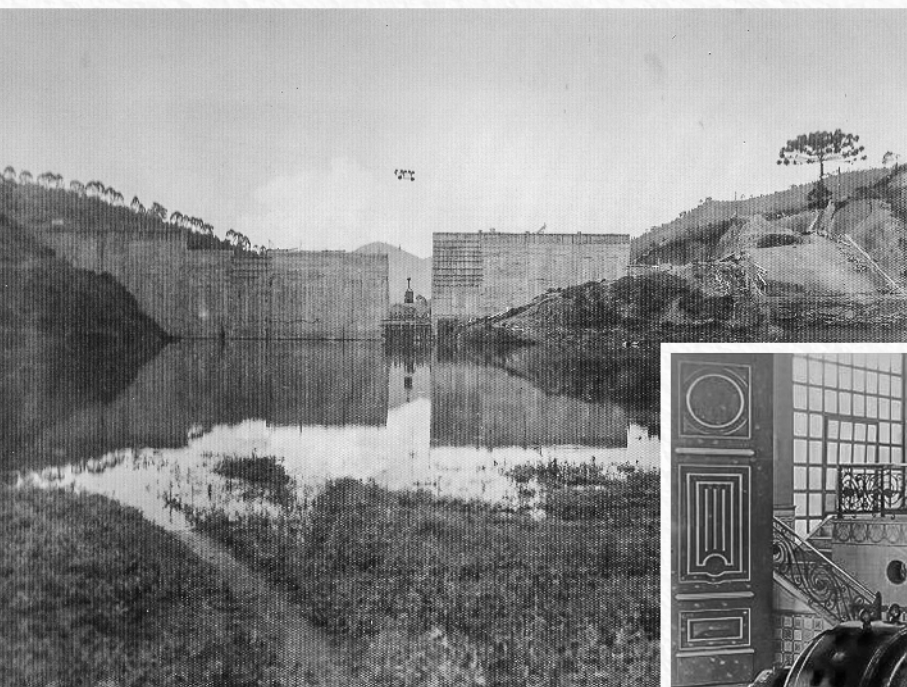
Tras visitar varios lugares, la comisión optó por la cascada de los Negros, perteneciente en sociedad a los señores Joaquim Francisco da Costa y Manoel Rodrigues y a descendientes de esclavos negros.



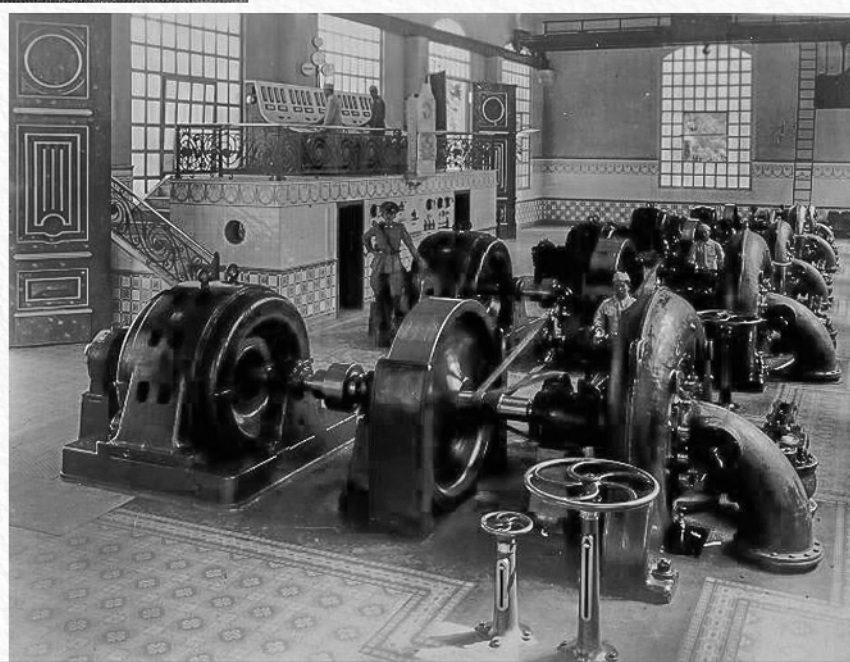
Por meio de desapropriações feitas pela comissão do Ministério do Exército, iniciou-se a construção da barragem, da casa de máquinas, das casas para os funcionários, das estações transformadoras e de tudo o que fosse necessário para a implantação da usina.

No dia 8 de dezembro de 1932, foi inaugurada a Usina Hidrelétrica de Bicas do Meio, sendo o Major Sílvio Lisboa da Cunha seu primeiro diretor.

Em 1934, o Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, visitou a localidade de Wenceslau Braz, que na época se chamava Bicas do Meio. No dia 5 de fevereiro de 1941, a usina recebeu a denominação de REPI - Rede Elétrica Piquete Itajubá, pois fornecia energia elétrica para as Fábricas de Piquete (SP) e de Itajubá (MG). A partir de 2014, a REPI passou a fornecer energia elétrica exclusivamente à fábrica de Itajubá.



Fase de construção da usina



Estação geradora (vista interna)



Mediante expropiaciones realizadas por la comisión del Ministerio del Ejército, se inició la construcción de la presa, así como la sala de máquinas, las viviendas para los empleados, los centros de transformación y todo lo necesario para la implantación de la central.

El 8 de diciembre de 1932 se inauguró la Central Hidroeléctrica de Bicas do Meio, siendo su primer director el Mayor Sílvio Lisboa da Cunha.

En 1934, el Presidente de la República, Dr. Getúlio Vargas, visitó la ciudad de Wenceslau Braz, que en aquella época se llamaba Bicas do Meio. El 5 de febrero de 1941, la usina pasó a llamarse REPI - Red Eléctrica Piquete Itajubá, ya que suministraba energía a las usinas de Piquete (SP) e Itajubá (MG). A partir de 2014, REPI pasó a suministrar energía eléctrica exclusivamente a la central de Itajubá.

A fábrica de munições de grosso calibre do Exército

La fábrica de municiones de grueso calibre del Ejército

Destinada originalmente à produção de munições de artilharia, a então “Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia” foi criada em 9 de agosto de 1934, com o lançamento da pedra fundamental no bairro de Benfica, em Juiz de Fora (MG).

A unidade, nascida da concepção desenvolvimentista do governo Getúlio Vargas, marcou o início do processo de industrialização do País, cuja economia, até então, era fortemente dependente da economia rural. A fábrica passou a prover o Exército com a munição de grosso calibre necessária ao seu adestramento e sua mobilização. Sua importância destacou-se anos mais tarde, com a participação do Brasil na II Guerra Mundial.

Construção da fábrica na década de 1930



Capa do livro histórico da fábrica iniciado em 1934



Asignada originalmente a la producción de municiones de artillería, la entonces conocida por “Fábrica de Estuches y Espoletas de Artillería” fue creada en el 9 de agosto de 1934, con el lanzamiento de la piedra fundamental en el barrio de Benfica, en la ciudad de Juiz de Fora (MG).

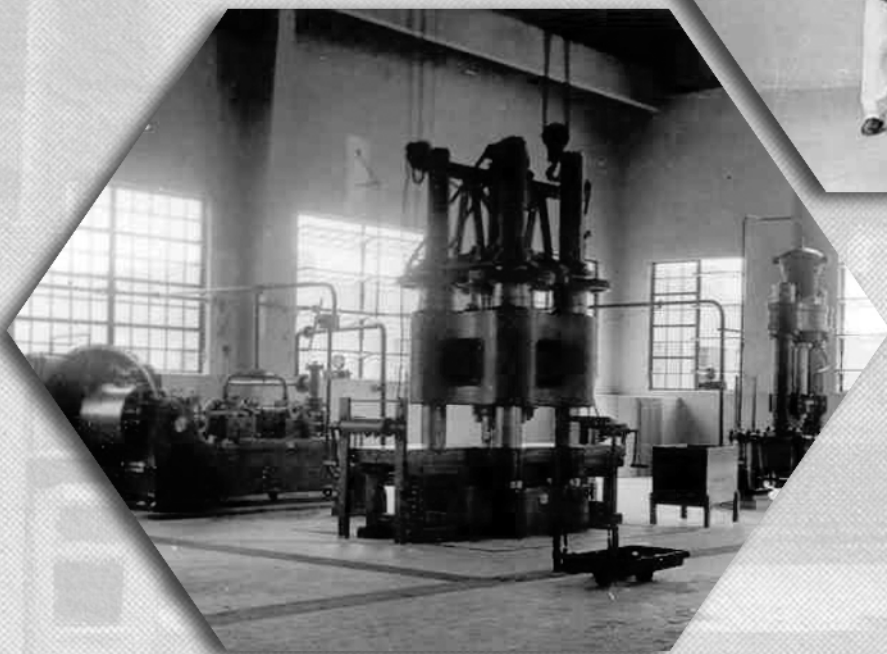
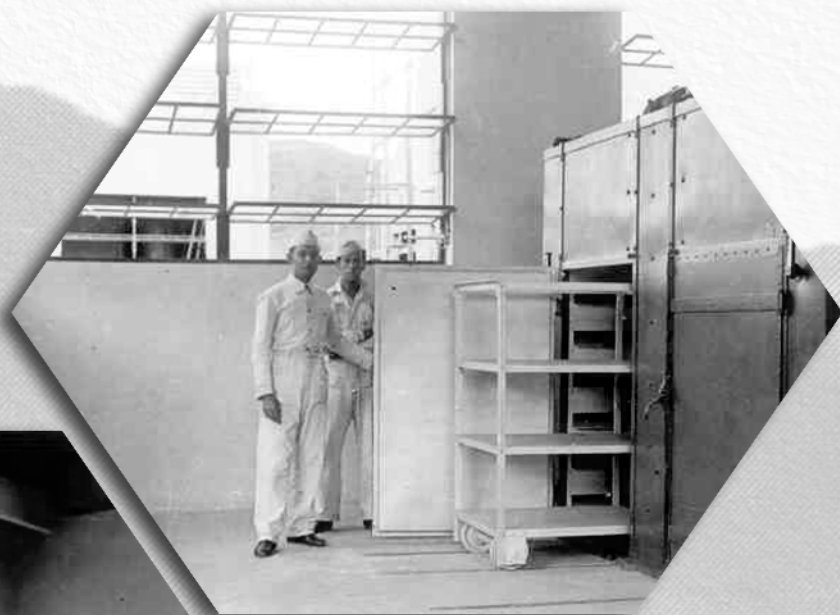
La unidad, producto de la concepción desarrollista del gobierno Getúlio Vargas, señaló el inicio del proceso de industrialización del País, cuya economía, hasta aquel entonces, era firmemente dependiente de la economía rural. La fábrica empezó a proveer el Ejército con la munición de grueso calibre necesaria a su adiestramiento y a su movilización, evidenciada, años más tarde, con la participación de Brasil en la II Guerra Mundial.



Já como integrante da IMBEL, na década de 1980, a Fábrica de Juiz de Fora, como era conhecida, ou FJF, associou-se à extinta ENGESA. Dessa forma, incorporou a tecnologia de montagem da família de munições de 90 mm utilizadas nas viaturas blindadas de reconhecimento (VBR) Cascavel, adotadas pelo Exército Brasileiro e adquiridas por inúmeros países da África, do Oriente Médio e da América Latina.

Funcionários no interior da fábrica

Prensa hidráulica na linha de produção na década de 1940



Como integrante de la IMBEL, en la década de 1980, la Fábrica de Juiz de Fora se unió a la extinta ENGESA. De esa manera, incorporó la tecnología de montaje de la familia de municiones de 90 mm utilizadas en los vehículos blindados de reconocimiento (VBR) Cascavel, adoptados por el Ejército Brasileño y adquiridos por inúmeros países de África, del Oriente Medio y de Latinoamérica.

Fábrica de Material de Transmissões: pioneirismo e inovação tecnológica a serviço do Brasil

Fábrica de Material de Comunicaciones y Electrónica (FMCE): espíritu pionero e innovación tecnológica al servicio de Brasil

As origens da FMCE remontam às oficinas do Serviço Telegráfico do Exército, criado em 1931. Em 4 de outubro de 1939, atendendo à crescente demanda de fabricação e manutenção de material de comunicações do Exército, foi criada a Fábrica de Material de Transmissões (FMT).

Central telefônica de 12 direções

Telefones e central telefônica



Formas para fundição de peças

Los orígenes del FMCE se remontan a los talleres de Servicio Telegráfico del Ejército, creado en 1931. El 4 de octubre de 1939, en respuesta a la creciente demanda de fabricación y mantenimiento de material de comunicaciones del Ejército, se creó la Fábrica de Material de Transmissões (FMT).



Em uma época em que inexistiam indústrias capazes de fabricar equipamentos de rádio e comunicações que atendessem às exigências mínimas de robustecimento dos equipamentos militares, sua designação foi alterada para Fábrica de Material de Comunicações (FMCom), atendendo, assim, de uma forma semântica, às imposições tecnológicas de uma nova era.

Com a criação da INDÚSTRIA DE MATERIAL BÉLICO DO BRASIL - IMBEL®, em 1975, aquela unidade fabril recebeu diversas denominações culminando, a partir de 1º de janeiro de 1985, com a designação atual - Fábrica de MATERIAL DE COMUNICAÇÕES E ELETRÔNICA.



Oficina de montagem de material de comunicações (década de 1940)



Exposição de material na então FMT (década de 1950)



En una época en la que no existían industrias capaces de fabricar equipos de radio y comunicaciones que cumplieran los requisitos mínimos de robustez de los equipos militares, su nombre pasó a ser Fábrica de Material de Comunicaciones (FMCom), respondiendo así, de forma semántica, a las imposiciones tecnológicas de una nueva era.

Con la creación de la INDUSTRIA DE MATERIAL BÉLICO DE BRASIL - IMBEL®, en 1975, esa unidad fabril recibió varias denominaciones, culminando, a partir del 1 de enero de 1985, con la actual designación - FÁBRICA DE MATERIAL DE COMUNICACIONES Y ELECTRÓNICA.

A criação da IMBEL no novo contexto da indústria nacional de defesa

La creación de IMBEL en el nuevo contexto de la industria nacional de defensa

O primeiro Plano de Desenvolvimento Econômico 1972-1974, elaborado no governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici, consubstanciava, em linhas gerais, a vontade do governo de estabelecer um nível de segurança nacional mínimo e compatível, mantendo o desenvolvimento do País em níveis elevados.

Foto: Emílio Garrastazu Médici



Foto: Reunião ministerial com o Presidente Médici
fonte: <https://www.estadao.com.br/acervo/personalidades/medici/>

El primer Plan de Desarrollo Económico 1972-1974, elaborado bajo la presidencia de Emílio Garrastazu Médici, plasmaba, en términos generales, la voluntad del gobierno de establecer un nivel mínimo compatible de seguridad nacional, manteniendo el desarrollo del país en niveles elevados.



Tanto na produção de bens de consumo como na de capital, evidenciava-se o interesse do governo de fortalecer a iniciativa privada, bem como de substituir as importações, buscando criar uma infraestrutura nacional capaz de se responsabilizar pelo mercado consumidor interno. Pretendia-se deixar com a iniciativa privada a função de investir e de produzir com rentabilidade adequada. Essa era a realidade da época, que apontava as Forças Armadas como as únicas responsáveis pela Segurança Nacional e que aspirava por trazer a sociedade civil para participar do processo, promovendo a interação dos seus setores componentes.



Oficina da Fábrica de Projéteis de Artilharia do Andaraí (RJ).

Fábrica de Cartuchos do Realengo (RJ).



Ya sea en la producción de bienes de consumo o de capital, el interés del gobierno por reforzar la iniciativa privada era evidente, así como en la sustitución de importaciones, buscando crear una infraestructura nacional capaz de responsabilizarse del mercado de consumo interno. La intención era dejar que la iniciativa privada invirtiera y produjera con la rentabilidad adecuada. Esta era la realidad de la época, que señalaba a las Fuerzas Armadas como las únicas responsables de la Seguridad Nacional y aspiraba a que la sociedad civil participara en el proceso, promoviendo la interacción de los sectores que la componen.

A produção bélica no País restringia-se às antigas fábricas do Exército criadas em uma época em que a indústria nacional de defesa era inexistente: decorre dessa condição o valor do seu pioneirismo. A situação do País foi se alterando com o desenvolvimento industrial, e as fábricas militares foram se tornando antieconômicas em decorrência do fato de serem órgãos da administração direta, sujeitos às restrições legais quanto ao dispêndio de recursos, às normas de admissão de pessoal, à remuneração não competitiva etc. Cabe destacar que, no início da década de 40 do século passado, o Exército Brasileiro respondia por nove estabelecimentos fabris, além de dois arsenais de guerra sob sua administração.

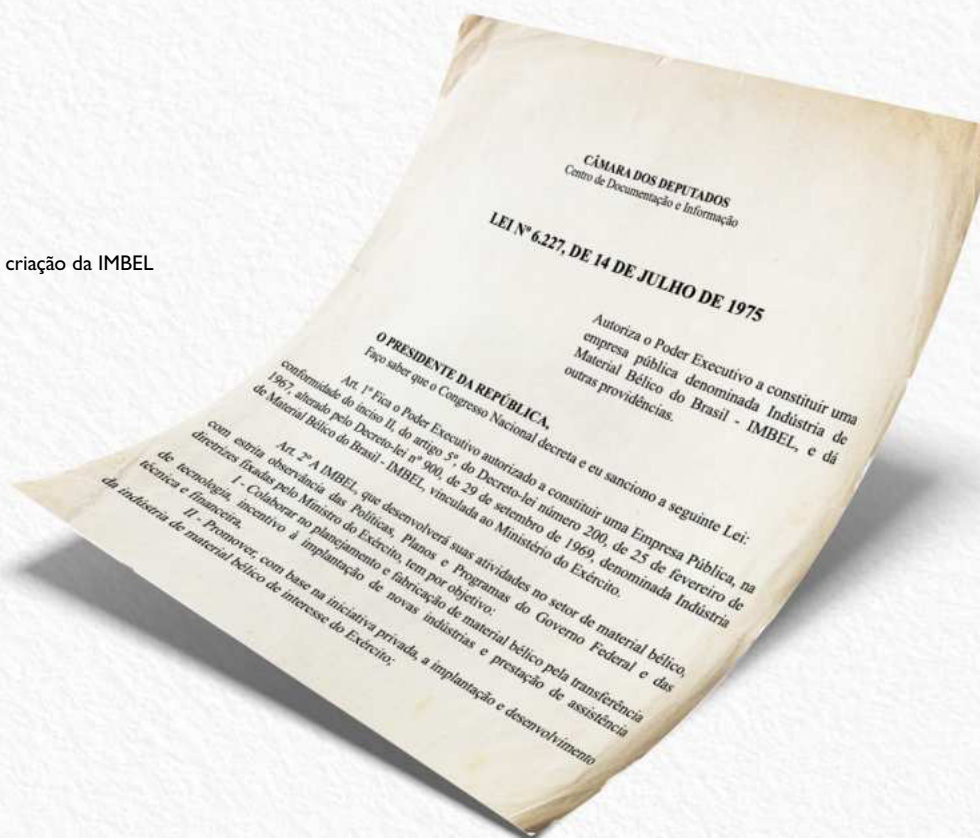
Chegou-se também à conclusão de que o Brasil importava grande quantidade do material bélico que utilizava, particularmente armamento e munição, ficando dependente do exterior para suprir as necessidades, e que estava sujeito a preços e prazos que normalmente não eram os mais adequados. A criação de uma empresa pública que se destinasse a planejar e coordenar o desenvolvimento de uma indústria de material bélico no País tornou-se a solução mais viável.

Estabelecimentos fabris do Exército em 1940

ESTABELECIMENTO	FUNÇÃO/PRODUÇÃO	LOCAL
Arsenal de Guerra do Rio	Manutenção do material bélico	Rio de Janeiro
Arsenal de Guerra da Margem	Manutenção do material bélico	Rio Grande do Sul
Fábrica do Realengo	Cartuchos de infantaria	Rio de Janeiro
Fábrica do Andaraí	Projéteis de artilharia	Rio de Janeiro
Fábrica de Itajubá	Canos e sabres para armas portáteis	Minas Gerais
Fábrica de Juiz de Fora	Estojo e espoletas de artilharia	Rio de Janeiro
Fábrica de Piquete	Pólvora e explosivos	São Paulo
Fábrica da Estrela	Pólvora	Rio de Janeiro
Fábrica de Bonsucesso	Material contra gases	Rio de Janeiro
Fábrica Curitiba	Viaturas	Paraná
Fábrica de Material de Transmissões	Material de Comunicação	Rio de Janeiro

Assim, em 14 de julho de 1975, foi criada a IMBEL, uma empresa pública não dependente do orçamento federal, por meio da absorção de cinco fábricas militares das nove até então existentes: Fábrica Presidente Vargas; Fábrica da Estrela; Fábrica de Itajubá; Fábrica de Material de Comunicações e Eletrônica; e a Fábrica de Juiz de Fora. As fábricas do Andaraí, do Realengo, de Bonsucesso e de Curitiba foram desativadas, permanecendo o Arsenal de Guerra do Rio e o Arsenal de Guerra de General Câmara sob a gestão do Exército.

Documento de criação da IMBEL



La producción bélica del país se limitaba a las antiguas fábricas del Ejército, creadas en una época en la que la industria de defensa nacional era inexistente. La situación del país cambió con el desarrollo industrial, y las fábricas militares se volvieron antieconómicas debido a que eran organismos de administración directa, sujetos a restricciones legales sobre el gasto de recursos, sobre las normas de contratación de personal, sobre los salarios no competitivos, etc. Cabe destacar que, a principios de la década de 1940, el Ejército brasileño era responsable de nueve fábricas, además de dos arsenales de guerra bajo su administración.

También se llegó a la conclusión de que Brasil importaba gran parte del material militar que utilizaba, sobre todo armamento y municiones, lo que le hacía depender del extranjero para satisfacer sus necesidades, y que estaba sujeto a precios y condiciones que no solían ser los más adecuados. La creación de una empresa pública para planificar y coordinar el desarrollo de una industria de equipamiento militar en el país se convirtió en la solución más viable.

Así, el 14 de julio de 1975 se creó IMBEL, una empresa pública que no dependía del presupuesto federal, mediante la absorción de cinco fábricas militares de las nueve que existían hasta entonces: Fábrica Presidente Vargas; Fábrica da Estrela; Fábrica de Itajubá; Fábrica de Material de Comunicações y Electrónica; y la Fábrica de Juiz de Fora. Las fábricas de Andaraí, Realengo, Bonsucesso y Curitiba fueron desactivadas, y el Arsenal de Guerra de Río y el Arsenal de Guerra de General Câmara permanecieron bajo la dirección del Ejército.